

## AMOR EM UM MEDALHÃO

Geery Howe

Como líder de seminários ouço unia porção de histórias sobre a vida e as experiências das pessoas. Certo dia, no final de uma palestra, uma mulher procurou-me para contar um fato que mudou sua vida e, em um certo sentido, tocou a minha.

Ela começou a contar-me:

Até cerca de dois anos atrás, eu costumava a pensar que era apenas uma enfermeira. Certo dia, ao meio-dia, estava alimentando os idosos que não conseguiam comer sozinhos. Era um trabalho difícil, cuidar de cada um, certificando-se de a comida permanecia na boca. Levantei os olhos quando um senhor idoso passou pela porta da sala de jantar. Ele descia o corredor para sua visita diária à esposa. Nossos olhos se encontraram à distância e soube, em meu coração, que deveria estar com ambos naquela hora. Minha colaboradora substituiu-me, e eu o segui pelo corredor.

Quando entrei no quarto, a esposa dele estava deitada na cama, olhando para o teto, com os braços cruzados no peito. Ele estava sentado em uma cadeira ao pé da cama, com os braços cruzados, fitando o chão. Fui até ela e disse:

– Susan, você quer compartilhar alguma coisa hoje? Se quiser, estou aqui para ouvi-la.

Susan tentou falar, mas seus lábios estavam secos e não conseguiu dizer nada. Curvei-me mais e perguntei de novo:

– Susan, se não consegue dizer com palavras, pode mostrar-me com as mãos?

Ela levantou cuidadosamente as mãos do peito e as manteve diante dos olhos. Eram mãos envelhecidas, com a pele grossa e os nós dos dedos inchados, gastas pelos anos de afazeres, atividades e vida. A seguir, pegou a gola da roupa de dormir e começou a puxá-la. Abri os primeiros botões. Ela pôs a mão dentro da camisola e tirou uma corrente de ouro comprida com um pequeno medalhão. Levantou-o, e seus olhos encheram-se de lágrimas. O marido aproximou-se. Sentando ao lado da mulher, ele colocou ternamente as mãos em volta das dela, dizendo:

– Há uma história sobre este medalhão. Certo dia, há muitos meses, acordamos cedo, e eu disse a Susan que não podia mais cuidar dela sozinho. Não podia levá-la ao banheiro, arrumar a casa e cozinhar todas as refeições. Meu corpo não aguentava mais, pois eu também envelhecera. Conversamos bastante naquela manhã. Ela disse que eu fosse tomar um café com amigos e perguntasse a respeito de um bom lugar para nós. Não voltei até a hora do almoço. Escolhemos este local, seguindo o conselho de amigos. No primeiro dia, depois de preencher todos os formulários, passar pela pesagem e pelos exames, a enfermeira disse-nos que seus dedos estavam tão inchados que teriam de cortar os anéis. Depois que todos foram embora do quarto,

ficamos sentados juntos, e ela perguntou-me: "O que fazer com um anel partido e outro inteiro?". Desse modo, naquele dia, eu resolvera também tirar minha aliança. Os dois anéis eram velhos, já tinham a forma mais ovalada do que redonda. Estavam finos em alguns lugares e ainda fortes em outros. Havíamos tomado uma decisão dolorosa. Aquela foi a noite mais difícil em toda a minha vida. Pela primeira vez, em quarenta e três anos, dormimos separados. Na manhã seguinte, levei as duas alianças a um joalheiro e pedi-lhe que as derretesse. Metade do medalhão é minha aliança, e a outra metade, a dela. O fecho pertence ao anel de noivado que lhe dei quando a pedi em casamento, perto do lago, na parte de trás da fazenda, em uma noite quente de verão. Ela disse-me que já era tempo de casarmos e aceitou. No interior do medalhão está escrito, Amo você, Susan, e do outro lado, Amo você, Joseph. Fizemos este medalhão, pois temíamos que um dia não mais pudéssemos dizer essas palavras um para o outro. O homem levantou-se e prendeu gentilmente a esposa nos braços. Eu sabia que era apenas o canal, e que eles tinham a mensagem a ser transmitida. Saí sem ruído e voltei para onde tinha de alimentar os que não podiam mais comer sozinhos com um sentimento maior de bondade em meu coração.

Depois do almoço e de lidar com a papelada, voltei ao quarto deles. Ele a ninava nos braços, cantando a última estrofe de "Maravilhosa Graça". Esperei, enquanto ele a colocava na cama, cruzava seus braços e fechava seus olhos. Na porta, o homem voltou-se para mim e disse: "Obrigado. Ela morreu há pouco. Muito, muito obrigado".

Eu costumava dizer que era "apenas uma enfermeira" ou "apenas uma mãe", mas não digo mais isso. Ninguém é apenas uma coisa. Cada um de nós possui dons e talentos. Não precisamos limitar-nos a essas definições estreitas. Sei o que posso fazer quando ouço meu coração e vivo de acordo com ele.

Quando terminou sua história, abraçamo-nos, e ela partiu. Fiquei parado à porta, cheio de gratidão.